



# SENADO FEDERAL

## REQUERIMENTO

Nº 31, DE 2014

Requeiro, nos termos regimentais, seja apresentado pelo Senado Federal, voto de pesar pelo falecimento da Senhora Narcisa Cândido da Conceição, **Mãe Filhinha**, apresentando condolências à Irmandade Boa Morte.

### JUSTIFICAÇÃO

Narcisa Cândido da Conceição, integrante mais antiga da Irmandade da Boa Morte, conhecida como “Mãe Filhinha” faleceu, aos 106 anos de idade, no último dia 18 de janeiro, na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, em decorrência de problemas ocasionados pela idade avançada. Sua idade foi estimada pelo historiador cachoeirano Cacau Nascimento já que o único registro fidedigno do nascimento de Mãe Filhinha é sua certidão de nascimento, que deve estar nos arquivos da Arquidiocese de Salvador, que incorporou há muitas décadas os arquivos das paróquias de Cachoeira.

Desde criança, Dona Narcisa atendia pelo apelido de Filhinha. Nasceu e cresceu na Baixa da Olaria, núcleo construído por seus avós em 1888, onde aprendeu a arte de fazer objetos de cerâmica utilitária que, mais tarde, passou a ser a atividade com que sobreviveria, daí ser conhecida como Filhinha das Panelas. Até a década de 1980, ela, seus filhos e descendentes de ex-escravos libertados em 1888 vendiam seus produtos na feira livre de Cachoeira. Eram panelas de vários tamanhos, alguidares, tachos, moringas e outras peças.

Ainda criança, foi iniciada no candomblé e consagrada ao orixá Iemanjá, a mãe cujos filhos são peixes. Famosa pela bondade e pela vidência mediúnica era considerada exímia jogadora de búzios. Em 1972, fundou seu terreiro de candomblé na casa onde nasceu passando a formalizar ritos que desde que foi iniciada realizava: o culto à Iemanjá, em janeiro, e a Festa aos Caboclos no dia 2 de julho. Suas festas atraíam centenas de pessoas, que assistiam a uma procissão realizada no rio Paraguaçu, cujo ponto culminante era quando, manifestada pelo seu orixá, mergulhava demoradamente no rio, onde acolhia e abençoava seus filhos.

Mãe Filhinha foi admitida na Irmandade da Boa Morte na década de 1950. Era a mais antiga integrante da corporação religiosa. Na década de 1980, quando a Irmandade da Boa Morte se viu em conflito judicial e político com a Igreja, ela teve papel fundamental para a Irmandade se impor perante a Igreja Católica Apostólica Romana, e também no processo de apaziguamento e construção de diálogo e harmonia entre as duas instituições. Mãe Filhinha era uma pessoa rigorosa e dócil ao mesmo tempo.

Ela tinha consciência do seu papel social na Irmandade da Boa Morte e na sua comunidade. Era provedora de muitas famílias pobres. Em sua residência, dezenas de pessoas compareciam diariamente para solicitar ajuda financeira para a compra de alimentos, remédios, ou recorriam à sua casa para fazer a primeira refeição do dia. Mãe Filhinha atendia a todos. Era a líder comunitária, a organizadora das festas populares, a criadora dos afoxés de caboclos e de orixás.

Mãe Filhinha faleceu no dia da festa da sua Iemanjá. Problemas respiratórios forçaram seu internamento no hospital da Santa Casa de Misericórdia de Cachoeira. No final da tarde, já anoitecendo, Mãe Filhinha partiu para o Orum (Céu dos Orixás).

Sala das Sessões,

Senadora **LÍDICE DA MATA**